



LINGUAGEM, PODER E GÊNERO NO ESPAÇO CORPORATIVO

Anna Beatriz Paula¹

Este artigo corresponde às primeiras reflexões em torno da estrutura semiótica do poder das empresas. O objetivo é verificar a sustentação de uma semiose generificada nos padrões comunicacionais conforme a lógica de poder implementada nas corporações. Tomou-se como objeto inicial de estudo a dinâmica de poder presente num modelo organizacional tradicional, cuja hierarquização do poder segue um padrão vertical. A empresa é um hospital de médio porte de Curitiba.

O início da investigação pressupõe o esclarecimento do que se entende por espaço corporativo. Os termos *corporativo* e *corporação* surgem em 1844 com o sentido de ‘associação de pessoas do mesmo credo ou profissão, sujeitas às mesmas regras, e com os mesmos direitos e deveres’. Sua raiz etimológica, no entanto, remonta ao latim, *corpus* (corpo) e *-actio* (ação).¹

Vê-se, portanto, que o sentido primeiro da palavra corporação é a ideia de corpos em ação, ou seja, não se trata somente da identidade burocrática de funcionário, trabalhador ou colaborador. Os indivíduos que fazem parte desse espaço possuem, igualmente, uma referência corporal. Além das características associativas, há o fato de serem corpos que agem coletivamente; corpos que trabalham.

Essa perspectiva aponta para a existência de dois níveis onde ocorrem as dinâmicas de comunicação e poder: um deles marcado pelas relações burocráticas organizacionais, e o outro que tem o corpo como instância de significação. O primeiro é aquele em que se prima pela clareza de expressão; o segundo, não é assumido claramente como significativo. Aquele é o texto; esse é o discurso.

Partindo dessa premissa, o poder está presente nesses dois níveis, o que Michel Foucault define da seguinte maneira:

(...) essa série de fenômenos que me parece bastante importante, a saber, o conjunto dos mecanismos pelos quais aquilo que, na espécie humana, constitui suas características biológicas fundamentais vai poder entrar numa política, numa estratégia política, numa estratégia geral de poder. Em outras palavras, como a sociedade, as sociedades ocidentais modernas, a partir do século XVIII, voltaram a levar em conta o fato biológico fundamental de que o ser humano constitui uma espécie humana. É em linhas gerais o que chamo, o que chamei, para lhe dar um nome, de biopoder. (FOUCAULT, 2006 p.3).

É possível, então, reconhecer a existência de uma política da empresa e de uma política do corpo na empresa. Indissociáveis pelo conceito maior do biopoder já que este permite compreender

¹ Doutora em Ciências da Literatura. Professora da ETUFPR.



onde e como o corpo está presente numa empresa e quais mecanismos o tornam mais ou menos explícito. Foucault (2008:4), aliás, define o poder não como algo em si, mas como mecanismos que tentariam garantir a manutenção do poder. Essa definição aponta para o caráter dinâmico e interacional do poder, uma vez que tais mecanismos seriam observados nas relações, sejam de produção, familiares, ou sexuais (Idem).

É neste ponto que o papel da comunicação e da linguagem se clarifica como o elemento que permite a concretização desses mecanismos de poder, justamente porque a palavra expressa sempre o ideológico. Parte-se do conceito maior de poder para uma análise microsocial, lócus da pesquisa de Erving Goffman. Para este pesquisador, as relações cotidianas expressam as relações sociais mais amplas, numa espécie de interface. Por essa razão, seus estudos se concentraram nas interações face a face. Seria nessa *territorialidade interacional* (Goffman, 2006) que as identidades se construiriam coletivamente – cada indivíduo determina para si um papel frente aos outros e, por isso são denominados atores sociais. Daí o termo *performance* social, uma grande teatralidade determinada pelas óticas – Goffman usa o termo *frames*, algo como enquadramento, perspectiva – individuais em direção à construção coletiva da experiência social.

Partindo dessas questões, a construção dos gêneros tem início no discurso que expressa a política da empresa. Num modelo, como o que analisamos, a estrutura do organograma já demonstra a hierarquização tradicional do poder, em que cada instância da organização tem o seu representante que remete ao seu superior imediato suas questões e do qual recebe as orientações a serem seguidas. Esse modelo revela-se centrado naquilo que o mais alto cargo hierárquico determina como ato de gestão e segue, verticalmente, obedecido até a última instância possível de cumprimento de sua determinação.

Não há, propriamente, uma articulação entre os setores, ainda que sejam, efetivamente, interdependentes. O que vale é o poder que cada setor adquire conforme a rapidez e efetividade de aceitação e cumprimento das ordens enviadas de cima. No território da linguagem, valem as expressões: “chegar na frente”, “partir para a luta”, “chegar lá”, “não ter pena”, “mandar brasa”, “competir”, entre outras indicadoras de batalha, como se fossem exigidos vigor e força físicos.

Nesse cenário, qual papel seria vivido pelas mulheres que ocupam cargos de liderança? Subordinadas, ou não, a superiores homens, essas mulheres assumem a mesma lógica de poder verticalizada de modo a sustentarem seu próprio poder enquanto gestoras. Não só isso, repetem-na com seus subordinados.



O que ficou claro através das observações desenvolvidas é que, diante do superior, a equipe de mulheres vive uma espécie de interdição (Foucault) estratégica. Criou-se um canal que funciona em paralelo ao canal da reunião - cuja fala é centrada naquela figura masculina -, sendo este canal o que revela o discurso de poder verticalizado adotado por elas - sinais, olhares, silêncios significativos diante do que o superior não sabe.

Nesse sentido, a investigação precisa caminhar na direção proposta pelo conceito de heterogênero, proposto Chrys Ingrahan. Será que, num modelo de poder verticalizado - entenda-se imerso na construção de gênero masculino - há uma polarização entre masculino e feminino. Ou será que nesta lógica de poder o ponto a ser discutido é a própria construção da heterogeneidade como referência à construção de gênero?

Bibliografia

FOUCAULT, Michel, *Segurança, território, população* : curso dado no College de France (1977-1978) / Michel Foucault; edição estabelecida por Michel Senellart sob a direção de François Ewald e Alessandro Fontana; tradução Eduardo Brandão; revisão da tradução Cláudia Berliner. - São Paulo : Martins Fontes, 2008.(Coleção tópicos)

GOFFMAN, Erving. *A representação do eu na vida cotidiana*. 13ª Ed. São Paulo: Vozes, 2006. 236p

INGRAHAN, Chrys. The heterosexual imaginary: feminist sociology and theories of gender. In. SEIDMAN, Steven. Dir. Cambridge, Mass.: Blackwell Publishers, 1996.